

MULHERES MANDJAKU, ARTE E STATUS: UM OLHAR SOBRE A PRODUÇÃO DE PANOS MARCADOS¹

Ericânia Almeida Gomes²

Introdução

O pano marcado é uma das variações dos panos de *pinti*, usado nas grandes cerimônias da cultura guineense, no caso de *toka-tchur* (rituais para os mortos), casamento, dentre outras. A sua produção é exclusivamente realizada por mulheres da etnia *mandjaku*, das tabancas de Caió, Djeta, Calequice, Pexice. Dessa forma, os panos marcados em espécie seriam panos de *pinti* brancos cujas bandas são interlaçadas com rendas de um tipo de crochê, chamado *kamatcha* e levam *marca* (bordados) com cores quentes de linhas de algodões. O pano de *pinti* é um artefato originário de Guiné-Bissau, produzido unicamente por homens; este pano é muito conhecido na sociedade guineenses, e já contém com trabalhos sobre a importância desse artefato cultural (panos de *pinti*), porém nenhum deles aborda detalhadamente os panos marcados.

Segundo Bernardo de Jesus (2019), os *mandjaku* são uma das etnias que já habitavam no território que hoje corresponde à Guiné-Bissau, muito antes da colonização europeia. A República de Guiné-Bissau fica situada na costa oeste africana e faz fronteira com Senegal no Norte e com Guiné-Conacri no Sul. O país conta com mais de 20 etnias (*balanta*, *mandjaku*, *fula*, *mancanhi*, *felupe*, *pepel* entre outras), distribuídas por oito regiões (Biombo, Bolama, Bafatá, Cacheú, Gabú, Oio, Quinará, Tombali) mais a capital, o setor autônomo de Bissau.

Segundo dados do Instituto Nacional de Estatística de Guiné-Bissau (2009), a região de Cacheú tem aproximadamente 184.124 habitantes, correspondendo a 12% da população do país. Entretanto, a população feminina da região de Cachéu é de 52,4%. Ainda conforme os dados do INE (2009), o grupo étnico *mandjaku* compõe 8,3% da população do país. A região de Cacheú é conhecida entre os guineenses como Chacheú da Silva, *tchon de mandjaku*. Esse apelido veio pelo fato de a maior parte da população dessa região ser da etnia *mandjaku*. A palavra *mandjaku* significa “eu te digo” na língua *mandjaku*. Assim, escolhi escrever a palavra “*mandjaku*” utilizando essa grafia, porque remete à pronúncia mais próxima da fonética da língua, enquanto

¹ Trabalho de conclusão de curso em formato de capítulo de livro para obtenção do título de bacharelado em Antropologia, pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB/CE), orientado pela Profa. Dra. Natalia Cabanillas.

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (CAPES/UFG), Bacharela Interdisciplinar em Humanidades (Unilab), Graduanda em Antropologia pela a mesma Universidades.

escrita “manjaco” remete mais à colonização, por apresentar uma pronúncia aportuguesada do termo. Resulta importante mencionar que o termo “manjaco” é mais usado na transliteração nos trabalhos acadêmicos, assim como nos documentos oficiais.

Segundo De Jesus (2018), a estrutura da sociedade *mandjaku* varia de patrilinear e matrilinear, e na maioria dos casos, a matrilinearidade é alicerce para organização da comunidade ou tabanca. As mulheres são matriarcas, no sentido de que dão a continuidade da geração, e são também as escolhidas dos espíritos para serem *bapene* (médicas ou curandeiras) que serviram de elo entre os espíritos e humanos, e nesse sentido, muitas das vezes acabam por decidir os assuntos da comunidade mesmo com presença dos homens.

As mulheres da região de Cacheú são agricultoras e vivem das lavouras, e uma parte delas são comerciantes, sendo chamadas de *bidera*, termo traduzido em português como “feirante”. As mulheres *bidera* vendem alimentos que elas mesmas produzem ou compram de produtoras locais para revender. Pode entrar nessa categoria também de *bidera*, mulheres que compram peixes dos pescadores ou mesmo aquelas que vão no Senegal, país vizinho da Guiné-Bissau, para comprar produtos e revender nos mercados nacionais, assim como, saem de porta a porta para vender. Nesse aspecto, a professora Dr.^a Peti Mama Gomes (2019, p. 15), citando Odete Semedo (2011), afirmou que são as mulheres que movimentam o mercado informal guineense.

O pano marcado é muito relevante na construção do status da mulher dentro da comunidade *mandjaku* e seria de extrema importância se o Estado da Guiné-Bissau conseguisse a proeza de guardar no tecido parte de sua herança cultural. Para quem o souber interpretar, ele transmite ensinamentos, provérbios e tradições. De forma geral, cada peça bordada por cada mulher é encarada como uma obra, capaz de expressar a identidade cultural do povo *mandjaku* assim como povo guineense em geral.

Dessa forma, conforme as interlocutoras da pesquisa, as mulheres produtoras dos panos marcados também na sua maioria são *bideras*. Entretanto, são delegadas às mulheres como tarefas principais os trabalhos domésticos, como o cuidado da casa, dos filhos e até do marido, sendo assim as atividades de *marcar* pano e de feirante consideradas trabalhos extras. A estudante de enfermagem e produtora de pano marcado, Agripina Blez, explicou que entre produtoras de panos, pode encontrar diferentes profissionais que atuam no setor público e privado, “as mulheres produtoras não têm a confecção do pano como trabalho único, porém algumas são *bideras*, enfermeiras, contabilistas, empregada doméstica, advogadas, médicas,

administradoras, estudantes dentre outras” (Agripina Armando Blez, 2024). Agripina está no seu último ano para terminar o curso de enfermagem, porém, ela já tem uma formação na área de saúde, em que atua como técnica de enfermagem.

Assim, o problema de pesquisa está centrado em conhecer e analisar a produção, usos e significados do pano marcado com as mulheres de Caió. Por isso, questionamos: qual é o processo para as mulheres da etnia *mandjaku* do setor de Caió produzir o pano marcado? Qual é o valor ou significado atribuído sobre ao pano marcado? Como se relaciona a produção dos panos marcados com outros âmbitos da vida social: *status*, relações de gênero, divisão sexual do trabalho, economia, circulação dos panos e de pessoas? Sendo assim, indagar a história que os panos carregam faz parte dessa pesquisa. Odete Semedo (2010) explica que, dependendo do espaço e tempo, o pano pode transmitir mensagens de alegria, assim como de tristeza.

Metodologia

A pesquisa é descritiva e narrativa na base de oralidade, pois o trabalho está ligado aos fenômenos culturais de caráter simbólico (Vansina, 2010; Hampaté Bâ, 2010). Assim sendo, o enfoque do estudo foi nas análises das narrativas sobre o pano marcado a partir das entrevistas realizadas com mulheres da etnia *mandjaku* do setor de Caió, Guiné-Bissau. Este trabalho se realizou com base nos procedimentos sugeridos pela escritora Grada Kilomba na sua obra *Memórias de plantação*, em que ela trata as mulheres negras entrevistadas na pesquisa e na escrita como sujeitas, e não como objetos ou mesmo informantes. De acordo com a Grada Kilomba (2020, p. 30), “escrever é um ato de descolonização no qual quem escreve se opõe a posições coloniais tornando-se a/o escritora/escritor ‘validada/o’ e ‘legitimada/o’ e, ao reinventar a si mesma/o, nomeia uma realidade que fora nomeada erroneamente ou sequer fora nomeada”.

Pesquisar com mulheres produtoras do pano marcado significou criar um espaço para que suas vozes sejam audíveis (Spivak, 2010) dentro da pesquisa, e em consequência, dentro do espaço acadêmico; é um ato de descolonização, que não se limita apenas ao fato de pertencer à comunidade *mandjaku*. Segundo Oyéronké Oyewúmi (2004), pertencer não é suficiente. Para ter uma perspectiva endógena/ “desde dentro”, é necessário também utilizar outros métodos e procedimentos coerentes com a descolonização do conhecimento. Por outro lado, objetiva-se descrever as características dos fenômenos (identidade cultural) e estabelecer relações entre materiais de estudo. Pertencer não é suficiente em outro sentido, pois no decorrer das entrevistas foi nítida a existência de tensões – nem tudo o que eu queria saber como pesquisadora, as interlocutoras e mulheres da minha família queriam dizer. As perguntas insistentes ou entrevista em torno de um mesmo tema durante um longo tempo poderia ser inclusive desconfortável para as entrevistadas.

Portanto, no total foram realizadas sete entrevistas semiestruturadas entre 2022 e 2024, por meio das redes sociais e presencialmente na cidade de Fortaleza e município de Acarape, com mulheres *mandjaku* originárias de Caio, que moram em Guiné-Bissau ou na diáspora no Brasil. Entretanto, dentre as entrevistadas, cinco foram ou são produtoras dos panos marcados, e as outras duas não marcam pano, sendo uma delas da etnia mancanha. As entrevistas foram conduzidas nas línguas crioulo e *mandjaku*, dependendo da preferência da entrevistada. No entanto, no decorrer das transcrições e análises das entrevistas, pude perceber que meu conhecimento da língua *mandjaku* era apenas instrumental. Consigo compreender e acompanhar

a comunicação oral em *mandjaku*, sendo de extrema dificuldade a transliteração da linguagem falada para escrita e ainda mais sua tradução para o português. Sendo assim, se deu prioridade ao crioulo guineense nas entrevistas, língua na qual sou fluente e que é uma língua confortável para as entrevistadas.

Cabe salientar que todas as interlocutoras são mulheres da minha família por parte de mãe, nascidas e criadas na tabanca de Caió, Guiné-Bissau. Desde muito nova, pude acompanhar os trabalhos delas de perto, embora tenha nascido em Caió e crescido na capital do país. Faço parte de duas tabancas que produzem pano marcado, as tabancas de Caió e Djeta. Tanto minha mãe como meu pai fazem parte dessas duas tabancas. A pertença às tabancas me permitiu ter familiaridade com a temática mesmo antes de iniciar a pesquisa. No entanto, perguntando e entrevistando também consegui identificar quantos assuntos eu não sabia, quantas temáticas eu não percebia que precisaria perguntar e também, que há assuntos sobre os quais as produtoras de pano não comentam. Na comunidade dos *mandjaku* são considerados de *nababu*, termo que em português significa “branco”, pessoas que nasceram e cresceram fora de aldeia, independentemente da cor da pele. Entretanto, eles acreditam que pessoas nessas condições adquirem cultura de brancos e isso pode fazer com que elas percam suas identidades *mandjaku*, apesar dos *mandjaku* serem uma das etnias que mesmo fora da comunidade procuram manter suas tradições. Porém, a comunidade também cria um pouco de desconfiança com pessoas que nasceram ou cresceram na cidade e pior ainda para os que estão na diáspora. Assim aconteceu comigo, quando estava entrevistando minha tia que mora em Fortaleza. Em alguns momentos da entrevista, ela parecia um pouco desconfortável em responder certas perguntas, logo percebi que pode ser o caso – de, embora eu ter nascido em Caió, ter passado minha infância e minha vida toda na capital, longe da tradição, além de eu não ser tão fluente em língua *mandjaku*. Assim, entendo a familiaridade com o campo de pesquisa como uma possibilidade, mas não como um acesso automático às informações sobre os panos marcados.

Durante a pesquisa, além de usar as redes sociais para me comunicar com as colaboradoras, usei as redes sociais também para observar e analisar os impactos que os panos marcados tinham na vida social dos guineenses, sobretudo, o uso deles nas festividades das outras etnias pertencentes a Guiné-Bissau. No entanto, sempre que aparecia vídeo relacionado ao pano marcado, logo entrava em contato, porém nem sempre houve resposta. De seis mensagens que encaminhei, só obtive a resposta de uma que serviu de ponte com uma das

entrevistadas. Essa via de interlocução mostrou-se pouco frutífera, pois poucas conversas evoluíram a partir das redes sociais.

Pano marcado: simbologia e valor cultural em Caió

A tabanca de Caió fica situada a 28 km da cidade de Canchungo, na região de Cacheú, Norte de Guiné-Bissau. Assim, o setor de Caió é conhecido entre os Guineenses como *tchon di mandjaku* (terra dos *mandjaku*). Com superfície total de 664,3km², a cidade de Caió tem cerca de 10.297 habitantes e conta com um centro de saúde e um liceu. O setor conta com três seções: Djeta, Cajugute e Pexice. Nos últimos anos, houve uma forte presença das outras etnias, principalmente dos pescadores pepel que emigraram devido a pescas artesanais e devido ao porto de Caió ser considerado o maior fornecedor do peixe da região (Jornal NôPintcha, 2021).

Os panos marcados carregam grande valor patrimonial no seio dos *mandjaku* de Caió e dos guineenses em geral. Entretanto, é impossível falar da cultura *mandjaku* sem mencionar os panos marcados, sendo que eles estão presentes nas grandes cerimônias religiosas, assim como nas grandes festividades da comunidade. Assim, conhecidos entre os *mandjaku* como *Kalendji marcara* (panos marcados), são trajes tradicionais da etnia *mandjaku*, produzidos unicamente por mulheres, usados por mulheres e homens para grandes ocasiões na comunidade, assim como nos grandes eventos na capital. O pano pode levar de três a seis meses para ser confeccionado, por conta da ocupação das produtoras. Para Tânia Jaló (2019, p. 14), “de todos os panos dos *Mandjaku*, o mais importante para as mulheres é o pano marcado”. Um dos objetivos deste trabalho é explicar as múltiplas camadas de relevância desse tipo de têxtil.

A confecção dos panos é feita manualmente, em que as mulheres pegam numa banda branca (*pano de pinti*) com agulha de costurar roupa e fazem bordados (desenhos) em cima do pano, que levam diferentes cores vivas de linha algodão. Os desenhos presentes nos panos, segundo Múrida Gomes, estudante e produtora do pano marcado, não tinham um significado único, mas eram chamados de letras pelas produtoras, entretanto, o uso da cor laranja é essencial para o trabalho perfeito. Nesse contexto, podemos pensar na confecção de panos como uma literatura não ocidental, já que as *marcas* servem como meio de comunicação entre elas. Para a escritora guineense, Odete Semedo (2010), os panos não têm um significado único, mas vão ganhando significados de acordo com o tempo e espaço que são usados.

Durante a marca, a primeira cor usada no processo é cor laranja e depois vem cor escura e depois cor clara de acordo com a letra (desenho). Esta cor usada não tem

nenhum significado, mas o uso de laranja primeiro é uma marca para garantir a beleza do pano (Múrida Gomes, 2023).

A Odete fala inclusive da frente e do avesso do tecido como parte da dimensão comunicativa do pano. Assim também, foi registrado na entrevista com Graciete Gomes, que a pessoa que solicita o pano pode também requerer marcas que tem ligação com processos históricos do momento, ou significados do evento onde esse pano será usado pela primeira vez. Sendo assim, os significados dos panos marcados têm essa ambiguidade, enquanto certas autoras afirmam a existência de uma dimensão comunicativa dos panos de *pinti*, como no caso de Odete Smedo, outras desestimulam essa possibilidade. Entretanto, os panos também adquirem os significados de acordo com costumes e tradição de cada etnia, para Tânia Jaló (2016, p. 17), “o pano de pente³ fala, de modo particular, da etnia manjaco. A ‘fala’ revela o modo pelo qual ele é feito e como o modo de produzi-lo retrata, entre outros, os papéis sociais e de gênero”.

Como escrito, o pano marcado é uma das variações de panos de *pinti*. Estes últimos são artefatos produzidos unicamente por homens, porém, para a antropóloga guineense Peti Mama Gomes (2019), no seu trabalho de dissertação de pós-graduação em antropologia *Mulheres Em Associação na Guiné-Bissau: Gênero e Poder em Babock e Bontche*, embora seja em menores números, que não são inigualáveis aos homens, já existem mulheres tecelãs com sede no bairro de São Paulo em Bissau. Segundo Gomes (2019, p. 74-75), “vejo as mulheres desenvolvendo estas práticas de tecelagem com maior perfeição. Confesso que achei incrível, não fiquei surpresa, pois, nunca duvidei da capacidade de uma mulher”.

Assim, na minha experiência como filha e neta de *mandjaku*, assim como na fala das mulheres com as quais dialoguei sobre os panos, descobri que os desenhos (borda) nos panos servem para contar histórias, exemplo do famoso pano marcado chamado *polon de brá*. O *polon de brá* é uma árvore que carrega um grande significado para o povo guineense, entretanto, no dia 7 de junho de 1997, os cidadãos de arredores de Bissau foram acordados com tiros vindo de *polon de brá*, culminando na guerra civil do país. Os panos marcados com bordados de *polon de brá* são produzidos por mulheres como forma de contar histórias desse momento em particular, sendo usados em diferentes ocasiões. Assim, o lugar que representava tristeza para os guineenses, hoje as mulheres deram um novo significado, simbolizando o espaço como sinal de resistência das mulheres que um dia perderam suas casas, filhos, maridos, mas se mantiveram

³ A autora escreveu com a grafia da língua portuguesa enquanto que, em meu trabalho escrevi com a grafia crioula que é uma língua nacional de Guiné-Bissau.

fortes depois da guerra porque precisaram recomeçar suas vidas encarando o mesmo lugar. O *polon de brá* fica em frente à avenida principal da cidade de Bissau, ligada à maior feira do país, o mercado de Bandim. Nesse contexto, Nego Bispo, no prefácio ao livro *Colonização de quilombos, modos e significações* (2015), traz para nós a ressignificação como sinônimo de resistência à toda violência. “Significados e ressignificados por tantas vivências, sonhos e lutas” (Antônio Bispo dos Santos, 2015, p. 106).

O pano marcado exerce um papel econômico, porém também é um dos alicerces importantes na construção do papel social das mulheres *mandjaku*. As mulheres marcadoras de pano acabam ganhando *status* social maior dentro da comunidade por conta da profissão. Para isso, todos os interessados nos trabalhos delas devem ir aos encontros delas, porque o pano marcado simboliza riqueza para os *mandjaku*, e quanto mais tiver maior é sua riqueza, como argumentei em outro trabalho da minha autoria.

O panu marcado representa a identidade do povo *Mandjaku*, as bordas feitas nos panos além de contar as histórias do povo *Mandjaku*; ele também é arte das mulheres, que muitas das vezes são vistas pela academia como incapazes, pelo fato de não possuírem um diploma acadêmico, mas são detentoras de uma das artes mais valiosas dentro da cultura guineense (Almeida Gomes, 2023, p. 16).

Figura 1 – Mulheres da família Gomes Blez, vestidas de pano marcado na cerimônia de *toka-tchur* em Caió



Dessa forma, todos os *mandjaku* de Caió na fase adulta, principalmente mulheres, devem ter pelo menos um pano marcado para frequentar eventuais rituais, a exemplo de *finkafirquidja*, *funeral*, *toka-tchur*, casamentos ou mesmo festas como *Mandjuandadi*, dentre outras que acontecem dentro da comunidade. Para Martina Cumaia (2023), confeccionadora de panos, segundo os costumes delas, ter pano é sinônimo de civilização, por isso toda jovem deve ter no mínimo um pano marcado.

A Martina é a mãe solo de três crianças e um adolescente. Ela concluiu o ensino médio em 2010, entretanto, não conseguiu dar continuidade aos seus estudos porque engravidou do seu primeiro filho e por conta disso, perdeu apoio que tinha do pai. Assim, ela foi morar com o namorado. Atualmente, trabalha como agricultura e produtora do pano marcado, com residência fixa em Caió. “O pano é sinal de civilização na cultura *Mandjaku*. As mulheres na fase adulta devem ter panos para realizar alguns rituais importantes, e uma delas é o casamento” (Martina Rodrigues Cumaia, 2022). A vida adulta supõe a participação comunitária nos rituais, e esta, supõe a utilização dos panos marcados.

Dimensão ritualística

Os panos marcados geralmente são elementos muito importantes nas cerimônias religiosas, como casamento, *toka-tchur*, *fanadu*, *finka-firquidja*, *katchituram*, dentre outras. O uso dos panos nos rituais mostra a continuidade da tradição deixadas pelos antepassados.

Para a cerimônia de *toka-tchur*, que é um ritual feito para as pessoas falecidas, segundo Jaló (2016, p. 39), “é uma homenagem, que segundo os ancestrais é necessária para a paz espiritual do morto. Caso não seja feita a cerimônia de homenagem, a alma do morto não descansa em paz”, portanto, o uso de pano marcado é algo considerado obrigatório para comunidade, por outro lado, a pesquisadora *mandjaku*, Paulina Mendes, explica a relevância e o tempo determinado para realização desta cerimônia, “*Pelas pum* é uma das cerimônias mais importantes das comunidades manjaco, podendo ser realizada imediatamente a seguir ao funeral ou alguns meses ou anos após a sua realização” (Paulina Mendes, 2014, p. 113-114).

Assim sendo, os familiares se organizam entre eles para escolher um modelo único do pano marcado para usar durante o ritual de *toka-tchur*, porém essa escolha da família não é obrigatória, caso um familiar não queira usar por questões pessoais ou financeiras, não receberá

punição, mas será muito falada na comunidade. Por conta disso, os familiares procuram cumprir com as regras. A obrigatoriedade de usar panos marcados nessas ocasiões é algo recentemente incluído. Assim, a Graciete Gomes, explicou que apesar de o uso dos panos marcados não ser obrigatório nas cerimônias, ao passar do tempo, ganharam outros significados e passaram ainda a serem mais valorizadas, sendo hoje uma das peças fundamentais nos rituais.

A cultura mandjaku não determinava o uso de pano marcado em toka-tchur ou no velório, assim sendo, apesar de não haver punição para quem não usar nos rituais importantes, porém o ato será visto como um afronta para tradição, assim como um desrespeito para pessoa falecida. No caso dos filhos serão vistos como desobedientes e não levarão culpas sozinhos. A comunidade vai também culpar os pais por não ensinar os filhos as tradições e costumes mandjaku (Graciete Gomes, 2024).

Na tabanca de Caió e para os *mandjaku* em geral, é tradição usar panos para ir tanto a velórios como a *toka-tchur*. Entretanto, para os convidados não *mandjaku*, mesmo sem a obrigação de usarem panos, mas insistem em pedir para usarem, assim, justificando a admiração que lhes tem pelo pano e pela cultura *mandjaku* e alguns falam que esses gestos os fazem sentir em casa.

Dessa forma, durante cerimônias fúnebres, os familiares do falecido(a) assim como, amigos(as) “*colegasson*” vestem de panos marcados para fazer a última homenagem. No entanto, fazem uma roda de *tina* e cantam mais belas músicas.

O pano de bandas brancas, unidas em *kamatcha* [renda feita com agulha com agulha de costura], é vestido nas várias cerimônias fúnebres pelas filhas e netas do falecido. A *djamudur* [a carpideira] entre os manjacos, quando se esmera no vestir para cantar o morto, também usa esse pano branco bordado (Odete Semedo, 2010, p. 100). Dessa forma, o pano marcado é presente no ritual de passagem de jovem para adultos que acontece uma vez por ano no mês de dezembro chamado de *katchituram*. Assim, acontece que, nesse ritual, as pessoas não usam panos marcados porque é um ritual que os participantes ficam quase nuas, porém o pano marcado serve como enfeites de barracas, onde ficam meninas e meninos que vão dançar, chamado em *mandjaku* de *untadjú*. Para Vladimir Da Costa (2022), o ritual tem três finalidades que são: ver resistência dos jovens, escolher representante do grupo e incentivo a respeito à mulher.

[...] é uma cerimônia que tem três motivos: o primeiro-, avaliar entre aqueles jovens que têm mais estrutura física para resistir o frio; segundo-, engrandecer a representação de uma geração e por último, adotar à criação de um incentivo para os homens príncipes (*Undigas*), na língua *mandjaku* (Vladimir Da Costa, 2022, p. 5).

A cerimônia de casamento chamado de *manda cabaz* é um casamento tradicional guineense, em que a presença das estamparias é indispensável, pois é um momento muito importante para os familiares da noiva, principalmente para a tia e a mãe, porque ficarão responsáveis por vestir a noiva, e colocarão na noiva os panos mais caros, aqueles que estão guardadas no fundo da mala. Esse momento é visto como *balur de mindjer* – o termo traduzido para português seria “riqueza da mulher”. Mala é baú grande de madeira, e nelas são guardados

todos os bens da mulher em vida. Durante o ritual de casamento – que dura de dois a três dias – a noiva será vestida com diferentes panos de pinte, na cintura e na cabeça como véu, e o noivo só usará o pano na cintura. No entanto, durante esses dias, os vão se submeter a vários rituais e em seguida, as colegas da mãe e da tia da noiva vão se juntar numa roda para cantar. Como argumenta Odete Semedo (2010, p. 110), “as *mandjuas* da mãe se juntam para cantar à noiva, ao som de tina e dos palmos de madeira”. As músicas de Tina muitas vezes são criadas nos momentos de marca, algumas mulheres produtoras do pano realizam dois trabalhos: produzem pano marcado e, ao mesmo tempo, criam letras para Tina, um estilo musical tradicional guineense. As músicas criadas por essas produtoras do pano marcado, muitas das vezes, são dedicatórias para os filhos, o marido ou até para si mesmas, bordando em cada letra a memória de suas lutas e superação, já algumas só cantam as músicas de tinas para se animarem no trabalho.

Segundo minhas interlocutoras, elas não sabem explicar o porquê dessa prática de usar os panos marcados nesses momentos, porém, ao meu entendimento, pode ser algo relacionado à tradição, e só quem passa pelo ritual pode saber sobre o assunto, ou realmente elas não sabem explicar seu surgimento. No entanto, coincidem em afirmar que os panos marcados são indispensáveis. Assim, a produtora de panos, Martina Cumaia, explicou a relevância do pano marcado no casamento na *tabanca* de Caió, principalmente o que leva bordado por parte de baixo: “Nos rituais de casamento, a noiva é vestida com diferentes tipos de panos na quais pano marcado que leva o bordado só por parte de baixo é indispensável” (Martina Rodrigues Cumaia, 2022).

Também há a presença dos panos marcados no ritual de *finka-firquidja* ou *Pelump petchap*. *Firquidja* é uma escultura de madeira colocada no meio de uma morança em forma de representação de mulheres e homens casados nessa casa ou da família, porém, essa norma não é mais aplicada atualmente, como argumentou Paulina Mendes (2014). Nos rituais de *finka firquiija* na *tabanca* de Caió, os panos marcados se fazem presentes no momento central dos rituais, pois com eles são vestidas as esculturas (*firquiija*), que terão uma série de ritos, como em uma procissão até o local escolhido para realizar da cerimônia. No entanto, para a realização desse ritual, são necessárias duas mulheres para carregar *firquiija* e *balei*, vestidas de panos marcados:

[...] escolha do local onde será afixado o *petchap* (escultura), pois o lugar que cada *petchap* ocupa no conjunto dos *itchap* afixados nas imediações da casa de uma linhagem será em função do seu estatuto na hierarquia familiar (Paulina Mendes, 2014, p. 115).

Sendo assim, os panos marcados são oferecidos para os espíritos, nos casos de familiares que fazem votos e depois de algum tempo voltam para pagar promessas – chamado de *paga boca* em crioulo – ou mesmo como simples oferenda, como forma de agradecimentos pela proteção com a família. Como explica a escritora guineense, Maria Odete Semedo (2010, p. 98), “O pano faz parte ainda das oferendas aos *irans*, isto é, as divindades tradicionais protetoras das famílias e de suas linhagens;”. Para as produtoras do pano marcado, não há panos específicos para a oferenda para *irã* (espírito), mas isso dependerá de como foi devota a pessoa, chamada em língua crioulo de *fika boca na irã*. No entanto, se no caso a pessoa prometer certo tipo pano, na hora de pagar a promessa deverá levar o que prometera.

Por fim, o pano marcado ganhou uma grande notoriedade pelo país inteiro, assim como, dentro da cultura *mandjaku*. Enquanto nas outras etnias guineenses que adquiriram os panos marcados para usos nas suas cerimônias e festividades como algo que representava riqueza, para os *mandjaku*, o pano marcado vai além da riqueza. Apesar de não haver punições para quem não usar o pano marcado nos rituais, a pessoa será julgada pela população local e será vista também como uma pessoa perdida, por não seguir as tradições, ou seja, uma condenação comunitária. A obrigatoriedade dos panos marcados na religião tradicional é algo introduzido pela comunidade, segundo Graciete Gomes, usar calça ou outras roupas nesses momentos é falta de respeito para a cultura *mandjaku* e é um desrespeito para os mais velhos. Assim, os panos marcados foram ressignificados e passaram a ser exigidos nas atividades espirituais da comunidade *mandjaku*.

Usos dos panos marcados fora dos rituais

Nos grupos de *mandjuandadi* ou *colegasson*, encontramos o uso dos panos marcados nos momentos de convívios, isto é, para comemorar aniversário, casamento, tomada de diploma e demais, no entanto, os panos também estão presentes nos momentos de tristeza, como a morte de um dos membros ou de parente de um dos membros de grupo, em que o grupo se junta para solidarizar e fazer a despedida. O grupo se junta financeiramente para apoiar, assim como animar o ambiente ali vivido.

Assim, a *mandjuandadi* ou a *colegasson* têm como finalidade de juntar mulheres e homens da mesma faixa etária para celebrar e ajudar nos eventuais momentos de vida cotidiana, como explica a Odete Semedo sobre a *mandjuandadi*.

As *mandjuandadi* compreendidas como grupo organizado, cuja finalidade é a solidariedade social entre os seus membros, existem em todos os grupos étnicos da Guiné-Bissau. Cada grupo denomina a coletividade por um termo específico da sua língua, mas sendo o crioulo guineense a língua franca, todos os grupos étnicos a usam.

Logo, para além do nome vernáculo que define coletividade, usa-se a denominação em crioula, ou seja, o termo *mandjuandadi* (Odete Semedo, 2010, p. 125).

A Guiné-Bissau é um país pluriétnico, portanto, o termo *mandjuandadi* vai ganhar nomes de acordo com a região e o grupo étnico, isto é, para os *mandjaku* o grupo denomina-se *colegasson* ou *urãnh*, que significa em português “colegas de mesma faixa etária”. A Odete Semedo (2010) argumenta que os panos marcados que levam os bordados só por parte baixo são usados nas *mandjuandadi* para se despedir de um membro, entretanto, nos momentos fúnebres, o grupo para homenagear o(a) falecido(a) faz uma roda de *tina* e canta as mais belas músicas. “A *djamudur* [a carpideira] entre os manjacos, quando se esmera no vestir para cantar o morto, também usa esse pano branco bordado” (Odete Semedo, 2010, p. 100).

Assim sendo, os panos marcados estão presentes na maior festa cultural do país, o carnaval. O carnaval em Guiné-Bissau é considerado pelo Estado como a maior festa cultural do país, em que é incentivado o uso dos trajes nacional para celebrar os quatro dias de festas. Entretanto, o governo organiza desfile nacional e regionais, sendo anunciados logo no início do ano os prêmios para os vencedores em cada categorias nos rádios, televisão e jornais.

O carnaval como uma das maiores expressões culturais bissau-guineenses é parte da construção da identidade coletiva, pois, de algum modo, a trajetória histórica, a memória comum e o projeto nacional consolidam seu imaginário. Assim, o carnaval é visto, no senso comum, como o espaço da união dos povos guineenses (Salomão Moreira Focna; Larissa Oliveira e Gabarra, 2019, p. 123).

Nesse ponto de vista, os panos marcados fazem presentes em várias apresentações dos grupos culturais nos desfiles nacional e regional, nos momentos das danças, assim como nas apresentações das rainhas que são modalidades concorrentes para ganhar prêmios no desfile. Em Guiné-Bissau, é costume um dia antes do carnaval as alunas/estudantes irem para escolas vestidas de roupas tradicionais, como forma de valorizar a cultura local, portanto, nesse dia, desde a creche até nas universidades encontram crianças e adultos repletos de todos os trajes dos grupos étnicos que compõem as etnias guineenses, assim, alguns preferem se vestir de panos marcados.

Dessa forma, os panos marcados estão presentes nos rituais não religiosos da etnia *mandjaku*: são usados nas celebrações de casamentos civis, católicos e protestantes, isto é, os familiares dos noivos podem se vestir de pano marcado com camisa de *soka* para prestigiar o momento, e os panos são usados para enfeitar cadeiras dos noivos, assim como são colocados no chão para os noivos andarem. Nesses casamentos os noivos geralmente não usam os panos para celebração, e usam mais trajes ocidentais. Porém, nos últimos anos, houve uma valorização da cultura e dos panos marcados onde a procura dos panos marcados para outras etnias aumentaram, assim, as pessoas passaram a casar no civil com panos de *pinti* e panos marcados

como aconteceu com Hilária da etnia mancanha, quem vive em Luxemburgo, Europa, e decidiu casar-se com roupas customizados de panos marcados. “*sou mancanhi mais tenho amigas mandjaku e, elas usam panos marcados nas comemorações delas e acho bonito, dali surgiu minha paixão pelo pano e decidi usar no meu casamento*” (Hilaria Coutinho, 2023).

Sendo assim, a presença dos panos de *pinti*/marcados nas datas comemorativas na igreja católica guineense é frequente, exemplo disso, é nas comemorações de aniversários de paróquias ou comunidades, assim como nos sacramentos de batismo, crisma ou confirmação, e demais eventos que acontecem na igreja. Isto é, o grupo coral nesses dias escolhem usar um traje para homenagear um grupo étnico, e se grupo *mandjaku* for escolhido, o coral inteiro se veste de panos marcados e, alguns casos, dançam durante a missa nos momentos de ofertórios e saída.

Nas igrejas protestantes, os panos marcados também estão presentes nos casamentos, assim como nos eventos das comunidades. A presença dos panos nesses momentos muitas das vezes são das iniciativas femininas, as mulheres usam os panos marcados com camisas de *chokas*, todas parecidas para apresentar nos concertos, como também nos cultos.

Dimensão econômica e social

Como escrito, o pano marcado, além de carregar um valor cultural, também carrega em si valores sociais e econômicos dentro da sociedade guineense. Antigamente, os panos marcados eram de uso exclusivamente dos *mandjaku* de Caió, Cadjuquite, Djeta, Pixice, Calequice, porém, atualmente houve adesão das outras etnias guineenses no uso de pano marcado nas cerimônias religiosas e nas festividades. Assim sendo, os panos marcados, ganharam uma notoriedade maior dentro do país e, deu mais visibilidade para as produtoras do pano marcado. Para Múrida Gomes, estudante de Direito na faculdade Lusófona de Guiné e, produtora do pano marcado, mostra como a procura das outras etnias pelo pano melhorou a vida das produtoras.

Atualmente o uso de pano marcado virou moda. As buscas por nós produtoras do pano marcado aumentaram-se por conta da adesão das outras etnias pelo pano e isso ajudou muito no crescimento da nossa economia e conseguimos ter os nossos próprios panos de corpo intido através dos restos das linhas que sobram de cada marca. Muitas de nós conseguem pagar estudos dos filhos e sustentar a casa com dinheiro que arrecadamos na produção do pano marcado (Múrida Gomes, 2023).

No entanto, a confecção dos panos marcados acabou se tornando uma fonte renda para mães solteiras e para mulheres que, mesmo casadas, não têm apoio dos maridos para pagar a educação dos filhos e filhas. A produção do pano enquadra também dentro da divisão sexual de trabalho, sendo assim, em Caió é a responsabilidade das mulheres cuidarem dos trabalhos domésticos e ainda por cima ajudar os maridos na lavoura, por exemplo, as colheitas que acontecem na época chuvosa, como de *mancarra*, ou milho. As colheitas dos alimentos na época

de seca que, geralmente, é período de colheita de arroz, assim como de castanha de caju dentre outras. A maioria dessas mulheres são também agricultoras e produzem próprios alimentos para o consumo de dia a dia, portanto, a produção de pano marcado acaba sendo um trabalho extra, o que explica que, geralmente, leva de três a seis meses para finalizar.

Celeste Gomes é produtora do pano marcado, atualmente divorciada e com residência em Fortaleza, Brasil. Segundo ela, o trabalho de pano marcado se enquadra dentro da tradição deixada por ancestrais e deveria ter continuidade para gerações vindouras.

Nascemos e crescemos vendo as nossas avós e mães a fazerem todos os trabalhos domésticos e nós na fase adulta ou casadas continuamos com essa tradição porque foi o que nos ensinaram. Já casada quando levantamos devemos fazer os trabalhos domésticos, cozinhar por marido e filhos, para depois irmos para a bolanha que é o nosso trabalho, quando regressamos tomamos banhos e por fim pegamos nos panos brancos para fazer marca. Com a marca conseguimos dinheiro para comprar sabão, alho, caldo e principalmente pagar escolas dos filhos para futuramente ter uma vida economicamente melhor do que a nossa (Celeste Gomes, 2024).

Dessa forma, os panos não são encontrados à venda nos mercados e é só comercializado diretamente entre produtora e quem solicita o trabalho, geralmente uma pessoa da família, amiga da família ou mesmo vizinhança da produtora. O preço vai depender do grau de parentesco e amizade com a produtora.

Assim, encontram-se dois tipos de panos marcados, um que leva o barbado (desenho) na parte de baixo, custa em média de 40 xof francos franceses, o que corresponde a R\$ 320,62. Durante a entrevista concedida a Ericânia Almeida Gomes, Múrida Gomes (2024), produtora do pano marcado, explicou: “antigamente era usado só por pessoas mais velhas nos rituais sagrados e não era uma obrigação na *colegasson*, o que não acontece nos dias atuais porque agora tanto as anciãs como os jovens usam para ocasião das cerimônias como para as festas” enquanto o que leva bordado inteiro que é chamado de *curpo intindo* (corpo inteiro), o seu valor varia em torno de 100 a 120.000xof que corresponde a 801,56 a 1.122,18 reais, e o seu uso antigamente era para as pessoas com mais *status* econômicos dentro da comunidade, e não era obrigatório o uso nos grupos de *colegasson*, como está sendo agora. De salientar que os preços dos panos mencionados não são fixos e podem variar, dependendo da relação entre quem requer o pano com a produtora, da capacidade aquisitiva do(a) requerente, do local de moradia, entre outros fatores.

Dessa forma, a maior fonte de renda das mulheres *mandjaku* de Caió provém da castanha de caju e da produção de panos marcados, porém a colheita dos cajus só acontece na época de seca enquanto a produção dos panos acontece o ano inteiro. Segundo a Graciete Gomes, embora a castanha de caju dá dinheiro, é pouco valorizado no mercado guineense. O preço para venda

é estipulado pelo governo, que muitas das vezes o cajucultor sai muito mais a perder, entretanto, tem também o fator de clima e praga que atrapalha a frutificação do cajueiro. Portanto, nas produções dos panos, elas têm maior autonomia para colocar os preços sem interferência do Estado ou da comunidade.

Cabe mencionar que, dentre as muitas atividades econômicas das mulheres *mandjaku*, a produção de pano é a mais monetizada. As mulheres cuja função tradicional de cuidar da casa e dos filhos faz com que seja difícil manter empregos assalariados, e por isso preferem as atividades por conta própria, como mercado ou venda de panos marcados. Enquanto a venda cotidiana de artigos agrícolas ou de outra índole no mercado representa um importante ingresso econômico para o dia a dia, os pagamentos do pano marcado são muito significativos no orçamento das famílias.

A transmissão oral e o trabalho de marcar pano

Na confecção do pano marcado, são transmitidos os ensinamentos sobre marca (bordados), porém, são passados também outros ensinamentos sobre a cultura e os valores, uma vez que essa prática é mantida de geração a geração e são transmitidos oralmente. Portanto, no dia a dia, as mulheres têm por direitos ensinar filhas e sobrinhas a confeccionarem os panos marcados. Para Múrida Gomes, apesar da prática ser tradição, não existe uma idade específica para aprender a marcar panos e só será possível com a vontade e disposição da criança ou adolescente.

Assim, esse ato de ensinamento pode ser visto como transmissão de poderes, porque é como se aquela mulher dissesse para filha ou sobrinha, “já cumpri com minha missão agora é sua vez de dar a continuidade com a tradição deixada pelas ancestrais”.

De salientar que durante esses ensinamentos são transmitidos oralmente outros valores da cultura *mandjaku*, de mãe para filhas, de avó para as netas e assim sucessivamente, chamado por elas de *sikrido di mindjer*, traduzindo em português como “segredo da mulher”. Entretanto, educação para os *mandjaku* não é só tarefa para os pais ou encarregados da educação da criança, mas é de toda a comunidade em geral, como explica Hermimdo João Wimpe, estudante de Sociologia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab).

Na cultura dos *Mandjakus*, a educação é a tarefa feita por toda comunidade de forma oral (uso de fala), principalmente dos mais velhos, que se juntam incansavelmente para educar as crianças e adolescente, não só, mas também se reúnem com adultos para lhes lembrar das regras e do sagrado, quando necessário (Wimpe, 2024, p. 22).

Dessa forma, para dar continuidade com a tradição, as mulheres *mandjaku*, costumam ensinar para as(os) filhas(os) a relevância dos panos marcados desde muito cedo, exemplo disso é quando tem *toka-tchur* da família, em que a comunidade exige os usos dos panos para todos os membros da família, desde filhos, sobrinhos, irmãos, primos até nos netos, não importando a idade dos membros, como forma de respeito à tradição. Com isso, todos os familiares com crianças colocam panos nos(as) filhos(as) para poderem participar nas cerimônias.

Os panos marcados e a mala

Os panos marcados também são uma das peças indispensáveis na mala dos *mandjaku*. Assim como os panos marcados são obrigatoriedades para adultos, a mala também não ficou de fora, assim, a mala é um baú de madeira onde são guardados todos os bens dos *mandjaku*. Como explica Tânia Jaló:

A mala é um bem muito valorizado, sendo assim uma mulher *manjaco* tem, especialmente se casada, sua mala. As não casadas devem igualmente, assim que as condições econômicas permitirem, arrumar sua mala. A mala será o lugar onde ela colocará seus pertences e sua mortalha. Pensando nesta realidade, elas compram panos pouco a pouco e vão organizando a mala. Há aquelas que preferem contratar um oficial “tecelom” para fazer os seus panos de vários tipos, dependendo da possibilidade financeira de cada uma (Tânia Jaló, 2016, p. 37).

Assim sendo, os *mandjaku* têm costumes de preparar os seus velórios ainda vivos. No decorrer da vida a pessoa passa todo tempo juntando dinheiro para comprar panos, ou contratar os oficiais para fazer panos de *pinti*, e contratam também produtoras de panos marcados. Estes panos vão todos para a *mala*, que será aberta só no dia de velórios e sepultamento.

Geralmente o corpo leva dias para ser sepultado devido a rituais fúnebres e, durante esse período, os familiares vestem o corpo com diferentes panos de *pinti*, conforme a recomendação do(a) falecido(a). Assim sendo, nos velórios é obrigatoriedade os familiares usarem os panos marcados durante a cerimônia. O uso de pano marcado em velório não acontece com tenra idade.

Os panos e a mala são os bens mais importantes e sagrados da mulher *mandjaku*, tanto que quando tem casamento ou *toka-tchur*, a primeira coisa a ser perguntada é sobre a mala, porque é ali que são guardados todos os pertences da mulher, incluindo panos marcados.

Quando minha avó faleceu encontramos várias coisas e uma delas são colheres, panos que a filha mandava de Europa, e muito dinheiro, entretanto, já é dos conhecimentos de todos que ela guardava os panos para o enterro dela, agora dos talheres nunca imaginamos (riso) (Cirila Semedo, 2024).

A relação entre a mala e os panos é uma prática herdada dos antepassados, pois não se sabe dizer como surgiu. Portanto, a mala não só guarda os bens materiais da pessoa ainda em vida, mas como para a morte, como mencionado. Normalmente, as roupas e objetos de uso diário não são guardados na mala, porque elas acreditam que a mala é um lugar sagrado, e nela estão

guardados todos os segredos da mulher. Segundo Múrida Gomes (2024), “*na mala estão guardados todos os bens mais sagrados da mulher, porém, metade desses pertences são panos de pinti (lacon, panos marcados, cafan etc.)*”.

Enfim, os comportamentos de mulheres de terem em grande quantia os panos na mala, se dá devido à quantidade rituais que a pessoa passa em vida e na morte. Segundo os costumes dos *mandjaku*, o defunto deve passar por alguns rituais antes do sepultamento, assim sendo, tantos homens e mulheres aproveitam a juntar panos, e deixam também para quem vai ficar com a mala depois da morte, que segundo eles é chamado de *herdança*.

Conclusão

Dessa forma, os panos marcados representam em geral o patrimônio cultural guineense, em particular da etnia *mandjaku*. No entanto, os panos são altamente valorizados em termos culturais e econômicos, apesar de as produtoras não receberem devidamente os créditos merecidos pelo Estado. Assim sendo, os panos marcados foram ressignificados dentro da comunidade *mandjaku*, como também, pelo país inteiro. Com a ressignificação dos panos marcados, o pano deixou de ser só um simples objeto de riqueza, passando a representar quatro adjetivos: riqueza, união, tradição e resiliência.

Os usos dos panos marcados por outras etnias, mostra a linda união que existe entre os guineenses. Embora o pano marcado seja colocado como uma das peças fundamentais nos rituais dos *mandjaku*, os usos por outras etnias e religiões, nos seus casamentos e suas festividades, têm crescido bastante nos últimos tempos, evidenciando assim a ausência de um possível preconceito religioso. Os panos marcados também representam a força de vontade da mulher guineense, que mesmo com toda dificuldade nunca desistiu de sonhar e sorrir. Entretanto, o modo com que as produtoras decidiram manter a tradição de confeccionar os panos, mesmo com toda a modernização, é visto pelo pessoal de fora como a forma de produção mais facilitadora, pois elas exercem várias tarefas. O ato representa resiliência, pois, segundo elas, se incluídas novas tecnologias, além de modificar o pano, mexerá com a forma de organização da sociedade, já que a forma de passar conhecimentos ocorre por meio da oralidade, de modo que a tradição não terá mais sentido. Por outro lado, os panos representam riqueza para os dois lados, tanto para quem os usa nos eventos, como, para quem os produz.

As produtoras conseguem resolver as suas necessidades básicas com o dinheiro da confecção dos panos. Assim, falar das confeccionadoras dos panos marcados é falar do empoderamento feminino. As produtoras dos panos marcados são mulheres que desempenham múltiplas funções e todas elas ainda não são consideradas pelo Estado guineense como trabalhadoras remuneradas. Mesmo assim, elas conseguem valorizar seus trabalhos para pagar os estudos de seus filhos e sustentarem suas casas. Por passar muito tempo com mulheres que marcam panos, pude perceber o amor que tinham por esse trabalho. Marcar pano é uma das artes mais valiosas dentro da cultura guineense, representando a identidade do povo *mandjaku*, e as bordas feitas nos panos contam histórias desse povo, ou se constituem em registros históricos

de sua memória, como o início da guerra civil. Também, durante o processo de marca, elas conseguem exprimir os seus sentimentos tanto de mágoas como de alegria.

Concluindo, os panos marcados nos permitem pensar na existência de grietas e interstícios do sistema patriarcal em Guiné-Bissau, onde, em termos gerais, os homens se beneficiam de privilégios e a mulher permanece subalternizada. Mesmo tendo todo reconhecimento social e cultural, os panos marcados não têm sido objeto de uma discussão acadêmica. Enquanto isso, o pano de pinti, símbolo da cultura guineense, mais feito por homens, ganhou vários estudos acadêmicos. Isso explica que a invisibilidade das mulheres na sociedade guineense não tem a ver com a escolha da profissão, mas sim pelo simples fato de serem mulheres numa sociedade que herdou dos colonizados os modelos para organização das sociedades que menosprezam a contribuição das mulheres nos espaços públicos.

Referências

BÂ, Hampaté. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph. **História geral da África**. 2. ed. Brasília, DF: Unesco, 2010. Tomo I. p. 167-212.

BIDEMY, Betinha Yadira Augusto; GUIDA, Angela Maria. Os Fios da epistemologia de Guiné-Bissau: Panos e Cabaças. In: LATINIDADES – FÓRUM LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS FRONTEIRIÇOS, 2020, Foz do Iguaçu. **Anais** [...]. Foz do Iguaçu: Ufac, 2020.

BISPO, Antônio. **Colonização, quilombos: modos e significados**. Brasília, DF: INCTI, 2015.

CENTRO de saúde de Caió sem capacidade de resposta aos desafios sanitários da zona.

Jornal Nopintcha, Guiné-Bissau, 2021. Disponível em:

<http://jornalnopintcha.gw/2021/09/08/centrode-saude-de-caio-sem-capacidade-de-resposta-aos-desafios-sanitario-da-zona/>. Acesso em: 08/09/2023.

COSTA, Vladimir da. **Katchituran em Caió, Guiné-Bissau: o povo Mandjaku e a formação do imaginário étnico-social**. Monografia (Graduação em Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades) – Unilab, Redenção, 2022.

DE JESUS, Bernardo Gomes. **Manjacos da Guiné-Bissau: sobre discursos, cultura, saberes e tradições no período colonial e pós-colonial**. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

FOCNA, Salomão Moreira; GABARRA, Larissa Oliveira e. Carnaval do Ntudurú:

Diversidade cultural e identidade nacional. **Tensões Mundiais**, Fortaleza, v. 15, n. 29, p. 119142, 2019.

GOMES, Ericânia Almeida. **A construção do panu marcado pelas mulheres da etnia mandjaku de Caio, Guiné-Bissau: usos e significados**. Monografia (Graduação em Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades) – Unilab, Redenção, 2023.

GOMES, Peti Mama. **Mulheres em associação na Guiné-Bissau**: gênero e poder em Babock e Bontche. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – UFC-Unilab, Redenção, 2019.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. **Recenseamento geral da população e habitação 2009**. Guiné-Bissau: Ine, 2009.

JALÓ, Tania Correia, NASCIMENTO, Ricardo. O ritual, cerimônia de *katchituran* na cidade de Caio. **Africanidades**, [S. l.], ano XII, n. 30, 2019.

JALÓ, Tânia Correia. **A presença das estamparias (panos de pente) na etnia manjaco**. Monografia (Graduação em Humanidades) – Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2016.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**: Episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2020.

MENDES, Paulina. **Entre Os "Saberes Locais" e o "Saber Universal"**: a modernização Das Comunidades Manjaco e Mandjização Do Estado Da Guiné-Bissau. Tese (Doutorado em PósColonialismos e Cidadania Global) – Universidade de Coimbra, Coimbra, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316/27071>. Acesso em: 2 dez. 2024.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. **Conceptualizing Gender**: The Eurocentric Foundations of Feminist Concepts and the challenge of African Epistemologies. *African Gender Scholarship: Concepts, Methodologies and Paradigms*. CODESRIA Gender Series. Volume 1, Dakar, CODESRIA, 2004, p. 1-8 por Juliana Araújo Lopes.

SEMEDO, Maria Odete da Costa Soares. **As Mandjuandadi, cantigas de mulher na GuinéBissau: da tradição oral à Literatura**. Tese (Doutorado Literaturas de Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo horizonte, 2010. Disponível em:

https://bib.pucminas.br/teses/Letras_SemedoMO_1.pdf. Acesso em: 7 abr. 2025.

SPIVAK, Gayatri. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: UFMG, 2010. Tradução de Sandra Regina Goular Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa.

VANSINA, J. A tradição oral e sua metodologia. In: KI-ZERBO, Joseph. **História geral da África**. 2. ed. Brasília, DF: Unesco, 2010. v. 1. p. 139-166.

WIMPE, Hermindo João. **O papel da tradição oral na preservação da cultura étnica**

Mandjaku: a educação de crianças e adolescentes na tabanca de Tam, região de Cacheu – Guiné-Bissau. Monografia (Graduação em Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades) – Instituto de Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2024. Disponível em: repositorio.unilab.edu.br